

OS ESCRITOS ETNOGRÁFICOS E A GEOGRAFIA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Doralice Sátyro Maia¹

RESUMO:

Trabalho de campo e elaboração de mapas são instrumentos do geógrafo desde os primórdios desta ciência. Os escritos etnográficos estão presentes nas obras dos geógrafos alemães, bem como na geografia francesa. Como na "Antropologia Clássica", a descrição etnográfica era realizada principalmente em obras que tratavam do "exótico de terras longinhas". Esta prática é abandonada no momento em que a Geografia "rompe" com a chamada escola tradicional. Há, conseqüentemente, um abandono das discussões sobre os escritos etnográficos, como também sobre a metodologia de trabalho de campo, ou mesmo um certo descaso na realização destes. Este ensaio pretende abrir um diálogo com a Antropologia, tentando colocar a importância das descrições etnográficas nos trabalhos de campo da geografia sem no entanto cair no inverso, isto é, abandonar as interpretações para as quais Geertz chama a atenção.

PALAVRAS-CHAVE:

etnografia trabalho de campo metodologia pensamento geográfico descrição

ABSTRACT:

Fieldwork and map elaboration have been the geographer's instruments since the origin of this science. Ethnographic writings are present in the works of German geographers and in the French Geography as well. As it happened in the "Classical Anthropology", the ethnographic description was present mainly in works which dealt with the "exotic of faraway lands". This practice was abandoned when Geography "broke off" with the so called traditional school. As a consequence, discussions about ethnographic writings and the methodology of fieldwork were left aside or, even, there was an indifference towards their realization. This article intends to start a dialogue with Anthropology by trying to show the importance of ethnographic descriptions for Geographical fieldworks without abandoning the interpretations which Geertz calls attention to.

KEY-WORDS:

ethnography fieldwork methodology geographical thought description

INTRODUÇÃO

A Geografia, desde sua origem, ou melhor, tem o seu início nos relatos de viagens e excursões que forneciam subsídios para a confecção de mapas que serviram para a expansão do colonialismo europeu. Portanto, trabalho de campo e elaboração de mapas são instrumentos do geógrafo desde os primórdios desta ciência.

Na história do pensamento geográfico, são bastante conhecidos os relatos de viagens e as extensas descrições etnográficas realizadas pelos seus precursores. Muito embora o surgimento desta ciência esteja eminentemente ligado à corrente naturalista, ou

mesmo determinista, a sistematização da Geografia humana surge com a obra *Antropogeografia* de Ratzel. Este trabalho põe em evidência o homem, dando ênfase a questões como a terrestre e estudos monográficos de áreas habitadas, abrindo assim o diálogo com a Sociologia. No que diz respeito a esta ciência, vale apontar as impressões de antropólogos como Malinowski, R. Lowie e Durkheim, que ressaltam a sua importância para os estudos etnográficos e, contrariando afirmações de alguns geógrafos, consideram

¹ Professora assistente da Universidade Federal da Paraíba/ Pós-graduanda em Geografia (Doutorado) na Universidade de São Paulo.

Ratzel como sendo o precursor do movimento difusionista, oposto à visão evolucionista (Quaini, 1983; *L'année sociologique*, 1900).

Os escritos etnográficos realizados pelos geógrafos não se resumiram aos autores alemães. Eles também se fazem presentes na geografia francesa nos trabalhos de Vidal de La Blache, Max Sorre, Derreaux, entre outros. E, assim como na Antropologia Clássica, a descrição etnográfica é realizada principalmente em obras que tratam de "povos estranhos" "civilizações primitivas" enfim, do "exótico de terras longínquas"

É a partir do momento que a Geografia "rompe" com a chamada escola tradicional que vai se dar um "corte" na realização das descrições. Chega de descrever, é preciso explicar! Frase esta levada aos seus extremos, quando então se entende por ela abolir radicalmente as descrições dos trabalhos geográficos. Há, conseqüentemente, um abandono das discussões dos escritos etnográficos, como também sobre a metodologia de trabalho de campo, ou mesmo um certo descaso na realização destes.

Pretende-se portanto abrir um diálogo com a Antropologia, uma vez que esta ciência vem se dedicando à discussão sobre o trabalho de campo, para, através deste diálogo, tentar colocar a importância das descrições etnográficas nos trabalhos de campo da Geografia sem, no entanto, cair no inverso, isto é, abandonar as interpretações já tão bem defendidas por Geertz.

DOS RELATOS DE VIAGENS OU SOBRE A ORIGEM DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A matriz das ciências sociais e particularmente da Geografia está reconhecidamente atrelada à origem da enologia. É esta última, para muitos, remonta às relações de viagens que seguem às descobertas geográficas.

O início da sistematização do material de observação e de fatos novos utilizados para explicar os fenômenos do globo terrestre é geralmente demarcado no século XVIII. A Geografia então realizada era recheada de descrições, mas detinha-se principalmente nos tratados cartográficos, topográficos e naturalistas.

É no decorrer desse século, com a difusão do Iluminismo, que se atribui o nascimento da Geografia humana moderna. É neste contexto que aparecem as pesquisas geográficas, nas quais são descritos gêneros de vida de algumas populações, a sua

relação com o meio, além de pesquisas de regiões naturais, destacando-se o clima, hidrografia, solos, vegetação, mas em relação com o estabelecimento do homem.

Um dos nomes que se destacam neste período é o do historiador Volney. Este pensador é considerado por Poirier como "duplo precursor da História geográfica e da Geografia Humana; ele sente tanto a falta de tratados compostos antes dele, que ele próprio considera constituir o método proposto por um gênero novo." (Poirier, 1981:16). Volney tem como propósito fundar a ação positiva sobre dados científicos. Tal avaliação coincide com a análise de Paul Claval ao delinear os diversos componentes responsáveis pelo surgimento da Geografia moderna, particularmente da Geografia humana. Ele afirma que seu princípio está na "compreensão da diversidade dos homens, ou melhor, das civilizações" o que corresponde a uma abordagem etnológica da geografia e que se tornará científica no final do século XVIII, com Volney. (Claval, P. "La naissance de la géographie humaine" In *La pensée géographique française contemporaine*. Paris, 1972. In: Quaini, 1983:35).

A Geografia surge então tanto apoiada nos tratados naturalistas com abundantes descrições do meio natural quanto nas pesquisas etnográficas.

Paulo Gomes, em sua obra *Geografia e Modernidade*, destaca o marco dos primeiros anos da modernidade pela enorme quantidade de dados e de informações, raramente sistematizadas pela ciência da época, pois a "ausência de segmentação no seio da ciência impossibilitava a análise de certos temas particulares nascidos desses dados. Assim, a partir do início do século XIX, os domínios disciplinares específicos organizaram-se definindo seu objeto próprio em torno destas questões." (Gomes, 1996:149).

A Geografia estava até então atrelada às narrativas de viagens, não possuindo ainda um corpo de interpretação individualizado:

"A geografia humanista e aquela dos filósofos não sabem ainda tratar da marca do homem sobre a natureza. As narrativas de viagem contêm longos desenvolvimentos sobre os modos, os costumes, as crenças dos povos, mas o quadro no qual eles evoluem é freqüentemente passado em silêncio (...). A paisagem é uma descoberta do fim do século XVIII e do XIX. (Claval, Paul. *Elements de géographie humaine*, Librairies Techniques, Paris, 1974, p.34. In: Gomes, 1996:150).

Nas obras que abordam a história do pensamento geográfico, há de certa forma uma concórdia em atribuir a Humboldt o perfil de precursor da sistematização do pensamento da Geografia moderna. Existe uma nítida diferenciação entre os tratados dos naturalistas anteriores a Humboldt e o de sua obra. Como disse Gomes, Humboldt soube reconduzir as tradições das narrativas de viagens e das cosmografias a um novo modelo científico, atualizando-as e considerando as principais descobertas da época:

A modernidade do pensamento de Humboldt se exprime no fato de que ele buscou sistematicamente reunir as tradições das narrativas de viagens e das cosmografias num só conjunto lógico. Encontra-se também, na obra de Humboldt, alguns dos principais elementos que definem a ciência moderna, notadamente um procedimento rigoroso, uma vontade de explicar por meio de generalizações e um método de observação submetido a critérios bem definidos. (Gomes, 1996:160).

A nossa intenção neste exercício é chamar a atenção para o fato de que a metodologia adotada pela Geografia, desde seu início, apesar das modificações sofridas, críticas elaboradas, está baseada naquela já utilizada pelos viajantes e pelos chamados eruditos, ou ainda, como prefere Quaini, pelos *philosophes*. Ou seja, a observação e a descrição, pois as viagens do século XVIII valorizavam a observação direta e a descrição detalhada. O que Humboldt fez foi retomar este procedimento, preocupando-se em elaborar comparações e raciocínios gerais e evolutivos.

Essa característica da Geografia, que também é da etnologia, vai persistir por todo pensamento geográfico clássico, não só naquele denominado determinista, defendido principalmente pelos geógrafos alemães Ritter e Ratzel, mas também na geografia clássica francesa inaugurada por Vidal de La Blache. Aí talvez esteja a maior aproximação da Geografia com a etnografia e também com a enologia.²

Numa Broc atribui aos iluministas franceses - Montesquieu, Buffon, Voltaire, Rosseau, Ramond, Volney - um papel essencial na elaboração do que denomina uma "ciência do homem". Esta ciência englobaria a enologia, a sociologia, a economia e a geografia. Afirma ainda que, no caso da Geografia, o

século XVIII caracterizou-se não só pela coleção de fatos e observações (como ocorreu por exemplo com a enologia), mas é neste período que se percebem os problemas essenciais, tais como gênero de vida, distribuição da população, ação recíproca do homem e do ambiente, e se realiza ainda a discussão a respeito do determinismo.

Segundo S. Moravia, a cultura ideológica difundida pelo iluminismo vai influenciar a Geografia provocando uma verdadeira "torção no saber geográfico" pois são promovidos vários modos de pesquisa geográfica, sendo que as viagens que ocorrerão, em sua maioria, vão ser dentro de uma perspectiva etno-antropológica. E acrescenta:

(...). Não é tanto à geografia física mas, antes, à geografia humana que parece interessar principalmente o saber do final do século. A geografia (...) parece assim adquirir um significado cultural preciso: ela se torna a ciência que se ocupa da casa do homem, do ambiente que dá hospedagem e influencia as obras e os dias do homem. Para o homem, filho da terra, o estudo da geografia e a prática da viagem se tornam desse modo uma exigência primária e inadiável. (Moraiva, S. *Il pensiero degli idéologues*. Florença, La Nuova Itália, 1974, p. 533-535. In: Quaini, 1983:75).

Esse momento de amadurecimento da geografia humana, compreendido entre o final do século XVIII e que, segundo Claval, estende-se até 1860, não se dá de forma linear. Há então uma identificação do evolucionismo com a Geografia, quando Humboldt, Ritter, Ratzel e Vidal propõem uma interpretação dos fatos de evolução e fazem compreender a necessidade das sucessões de civilizações e contemporaneamente as multiplicidades de formas que elas assumem conforme os lugares.

É preciso então que nos detenhamos um pouco nas obras destes autores.

SOBRE OS LEITORES DAS PAISAGENS

Apesar de estarem filiados a correntes distintas da ciência³, Humboldt e Ritter concordam ao definirem o papel do geógrafo: observador da natureza

2 Sem pretender entrar no mérito da discussão sobre os vocábulos, achamos por bem utilizar a anotação feita por Malinowski: "De acordo com um hábito muito útil na terminologia da ciência, utilizo o termo etnografia para os resultados empíricos e descritivos da ciência do homem, e o termo enologia para as teorias especulativas e comparativas." (Malinowski, 1953. In: Durham, 1986: 32).

3 Segundo Paulo Gomes, Humboldt estaria filiado à corrente herdeira da física newtoniana e das ciências naturais a partir do século XVIII e Ritter estaria ancorado na Filosofia da Natureza, dentro de uma concepção romântica. (Gomes, 1996:173).

que experimentava ao mesmo tempo um prazer estético, mas também um prazer intelectual de compreender as leis da natureza. Em ambos os discursos aparece a palavra “contemplação”. Este termo é utilizado para justificar a denominada “dupla ação do olhar”: admirador e curioso. Desta forma,

(...). Não é impossível que o recurso dos geógrafos do início deste século à noção de “olhar geográfico”, como sendo o principal critério para legitimar a especificidade da geografia, tenha tido inspiração nesta visão da “contemplação” nascida de Humboldt e Ritter. (Gomes, 1996:173-174).

Ratzel é considerado um dos maiores responsáveis pela sistematização da Geografia Humana e um dos precursores da Antropologia através da sua obra *Antropogeografia*. Neste tratado o autor põe em evidência o homem, dando ênfase a questões como a da formação de territórios, a da mobilidade do homem no Globo através das migrações e colonizações e a da distribuição dos povos e das raças. O autor pretendeu ainda nesta obra demonstrar a necessidade das relações entre os diversos gêneros de comunidades concebidas como organismos, constituídas em forma de comunidades, com seus meios naturais:

*“Descrever os movimentos da humanidade sobre a Terra e formular-lhes as leis, tal é o objeto da antropogeografia.” (Ratzel, *La géographie politique*, 1987, In: Gomes, 1996:185).*

No entanto, a ênfase dada no trabalho acima é a de um determinismo - tendo como uma das bases o evolucionismo inspirado nos estudos de Darwin - expressa quando fala da influência da natureza sobre a constituição étnica, social e política dos povos, transformando

“a Terra ou o solo em sujeito histórico (a Terra determina, dá, oferece...) e a sociedade ou humanidade (...) em um sujeito totalmente passivo.” (Quaini, 1983:93).

As opiniões sobre a obra de Ratzel são divergentes. Se por um lado este autor é veementemente criticado no campo geográfico, por outro recebe enormes elogios de alguns antropólogos.

Malinowski considera Ratzel o precursor do combate ao evolucionismo, por introduzir a idéia de estudo comparativo entre raças, tribos e culturas.

Acrescenta que é a partir de então que a difusão, “como é chamada a apropriação dos traços da cultura, se tornou o princípio fundamental da explicação etnográfica” (Malinowski, B., *Teoria científica della cultura*, Milão. Feltrinelli, 1971, p.218. In: Quaini, 1983:40). Ou ainda, na opinião de outro antropólogo, R. Lowie, não houve exagero por parte de Ratzel em atribuir poder ao ambiente natural, uma vez que

*(...) sempre alertou contra esse perigo e está ainda mais longe daqueles geógrafos que consideram o clima como elemento determinante de grande importância. Salva-o desta ingenuidade o fato de reconhecer o fator tempo: os imigrados que chegaram recentemente no território não podem estar tão bem adaptados a ele como os indígenas que o habitam há muito tempo. Duas considerações complementares, ele acrescenta, impedem uma resposta automática ao ambiente: o efeito incalculável da vontade humana e a limitada capacidade de invenção do homem, do qual a vestimenta dos fueguinos é um exemplo. Ninguém insistiu mais do que Ratzel sobre a força da história. (Lowie, R. *Histoire de l'ethnologie classique*. Paris, 1971, p.110-111. In: Quaini, 1983:41).*

Estas afirmações feitas por Lowie divergem bastante do que vem se escrevendo sobre a obra de F. Ratzel na Geografia.

A ênfase dada por Ratzel na obra *Antropogeografia* aos movimentos das populações é bastante ressaltada por Durkheim quando este escreveu no “Année Sociologique” uma resenha dessa obra no momento de sua segunda edição. O antropólogo aponta alguns problemas na concepção de antropogeografia de Ratzel, como o do grupo de fatores que o meio físico pode produzir sobre os indivíduos, como o do clima contribuir para formar o caráter nacional, ou ainda da fauna e da flora poderem depender a estrutura econômica. E, finaliza, afirmando:

“Ce n'est donc plus la terre qui explique l'homme, mais l'homme qui explique la terre (...).” (Durkheim, 1900: 554.).

Assim, não há uma concordância nas interpretações da obra de Ratzel. Talvez Malinowski e Lowie tenham se impressionado bastante com a intenção do autor em abordar o fenômeno migratório, uma novidade na época. Isto pode ter provocado certa distorção na análise do seu fundamento teórico. É impossível negar a importância que esta obra exerceu sobre o pensamento geográfico, bem como sobre o antropológico. No entanto, como disse Quaini,

De fato, hoje não podemos ficar contra a crítica do sociólogo-etnólogo M. Mauss, que desde 1905, via claramente como a antropogeografia, em lugar de estudar o substrato material das sociedades em todos os seus elementos e sob todos os seus aspectos, privilegiava o solo, as estruturas físicas e preferia portanto a geografia física à geografia humana. (Quaini, 1983:51).

Assim, se os geógrafos alemães, Humboldt, Ritter e Ratzel evocam desde então a *observação* e a *descrição* para analisarem o meio, entendido como "domínio epistemológico" da Geografia, na geografia francesa este procedimento afirma-se através das manifestações de Vidal de La Blache.

Para Vidal de La Blache, o meio existe como uma manifestação real e concreta, o que o torna objeto de uma investigação científica. A fisionomia é a expressão da singularidade de cada combinação. O estudo do meio corresponde ao ponto de partida da pesquisa geográfica:

(...).Era preciso observar o movimento de seus elementos, suas funções e limites, de forma a realizar o objetivo final, que reside na constituição do conjunto enquanto "todo" organizado. Por isso, como no caso do organismo, parte-se do meio para melhor voltar a ele, no interior de uma seqüência circular. (Gomes, 1996: 200)

A importância da *descrição* e da *explicação* está expressa nas idéias de Vidal de La Blache. Na sua descrição o autor procurava explicar. La Blache entendia que não havia necessidade de criar mecanismos de análise estruturais para explicar os fenômenos em conexão, pois bastava *olhá-los*, uma vez que o que se mostra é o fato em toda a sua complexidade.

O método vidalino apresenta três fases: *observação - descrição, comparação e conclusão*. Desta forma, o início de uma pesquisa geográfica tinha como premissa a observação direta. Tal observação deveria ser produzida a partir do contato direto com a realidade analisada; o pesquisador interrogando diretamente seu objeto. E, para tanto, não é qualquer *olhar*, mas aquele capaz de perceber ligações que o olhar descomprometido jamais verá. Daí a sua defesa das grandes viagens e estadias no campo. Vidal de La Blache insiste sobre a necessidade "de se observar mais e mais diretamente, mais e mais atentamente as realidades naturais." (Vidal de La Blache. *Des caractères distinctifs de la géographie*. In: Annales de géographie, p.299; In: Gomes, 1996:210).

A *observação* acompanhada de uma rica *descrição* de cada paisagem é o grande mérito de Vidal de La Blache, em especial ao tratar dos diferentes gêneros de vida, enfatizando o tipo de nutrição e dos hábitos das comunidades em relação com o meio em que vivem:

(..)se introduziu entre os agrupamentos um novo princípio de diferenciação; porque, os modos de vida, pelo tipo de nutrição e pelos hábitos que implicam, são, por sua vez, uma causa que modifica e modela o ser humano. O Esquimó, pescador de focas, saciado de óleo, e, por virtude deste regime, com as camadas adiposas da epiderme algomadas contra o frio, não se assemelha de modo nenhum aos caçadores tunguse e iakute, nem tão pouco ao pastor lapão, seus congêneres das regiões ártcticas. (Vidal de La Blache, 1954:172).

Vidal ainda defende que a descrição geográfica deve ser variada, conforme seu objeto de análise, não se tratando, portanto, de algo fixo.

Muito embora não se tenha encontrado nenhuma maior alusão aos escritos etnográficos nas obras consultadas, percebe-se nas leituras realizadas uma certa sintonia com os escritos de Malinowski no que diz respeito à abordagem sobre o método e objeto de investigação, bem como sobre a coleta e interpretação de dados empíricos. Há, portanto, nas obras de Vidal, uma fecundidade de descrições que constituem um método de investigação. Como disse J. Sion:

*(...)esta análise científica só revela toda sua personalidade no momento em que ele acrescenta a ela a alma de sua descrição: a evocação de uma paisagem, não mais analisada, mas sugerida, e a impressão que dela se resgata. Impressão que não tem nada de excepcional, que experimentaríamos muitos viajantes, sensíveis à beleza da natureza e à lembrança do passado; impressão, no entanto, intuição freqüentemente profunda" (Sion, J. *L'art de la description chez Vidal de La Blache*, 1934, p.402. In: Gomes, 1996:211).*

Malinowski em "Introdução" (texto retirado do *Argonauts of the Western Pacific*): nele o autor discute o assunto, o método e o objetivo da investigação, expondo de forma bastante precisa o seu método de pesquisa e destacando a importância da observação. Tal procedimento é de suma importância, uma vez que existe uma série de fenômenos impossíveis de serem apreendidos por questionários ou roteiros de

entrevistas, mas que não podem escapar à descrição do pesquisador. E a única forma destes fenômenos serem apreendidos é através de uma observação. É, portanto, para o “olhar atento” do pesquisador que Malinowski chama a atenção. Aquele mesmo (será que é o mesmo?) *olhar* destacado pelos pensadores da geografia clássica.

Há também que se ressaltar um ponto comum entre as idéias de Malinowski e as do pensador francês Vidal de La Blache. Trata-se do entendimento que ambos têm sobre a interpretação dos fatos: a enunciação de leis gerais que regem os fatos e a sua classificação:

“Apenas as leis e as generalizações são fatos científicos, e o trabalho de campo consiste, única e exclusivamente, na interpretação da caótica realidade social, subordinando-a a regras gerais.” (Malinowski, B. Baloma; *The spirit of the death in the Trobriand Islands*, 1954. In: Durham, E. (org), 1986:144).

Ou, como afirma Gomes sobre o entendimento de Vidal: para este era

“(...) preciso observar o movimento de seus elementos, suas funções e limites, de forma a realizar o objetivo final, que reside na reconstituição do conjunto enquanto “todo” organizado.” (Gomes, 1996:200).

Apesar de fortes aproximações entre a Geografia, a Sociologia e a Antropologia, há um certo vazio de diálogo entre elas. Em 1957, Max Sorre expressa muito bem seu entusiasmo com o novo encontro entre essas disciplinas:

Enfim, as barreiras caíram. Muita gente, que antes se ignorava, encontrou-se e conheceu-se. Todos pensaram que uma colaboração aberta era mais proveitosa do que uma desconfiança injustificada e um imperialismo eivado de inveja. Os sociólogos admitiram que os geógrafos eram portadores de duas coisas: o sentido do ambiente total e a experiência da observação direta.

(...) E os geógrafos, por sua vez, perceberam que uma descrição correta não adquiria todo seu significado se os sociólogos não a esclarecessem a partir do interior. (Sorre, M. *Rencontres de la géographie et de la sociologie*, Paris, 1957. In: Quaini, 1983:52).

Max Sorre, responsável por aprofundar a elaboração do conceito de gênero de vida iniciado por

Vidal de La Blache, dá também destaque à *descrição* das observações:

(...)Teremos de citar estes rituais, procissões e preces pelos quais o camponês católico chama a chuva celeste sobre os seus campos ressequidos? Todas essas ações ocupam lugar sob o mesmo título no gênero de vida. Quando descrevemos, não devemos mutilá-lo. Os elementos espirituais contam tanto quanto os elementos materiais, mais acessíveis. E, naturalmente, também contam os elementos sociais: a constituição do gênero de vida é inconcebível fora da atmosfera de uma sociedade organizada. (Sorre, M. *A noção de gênero de vida e sua evolução*. In: Megale, J., 1984:101).

Essas palavras de Max Sorre nos remetem às lições de Malinowski quando este nos diz que na etnografia as fontes são extremamente complexas e enganosas, uma vez que não se encontram em documentos materiais, mas sim no comportamento e na memória de homens vivos.

Interessante perceber o quanto a denominada geografia clássica se aproxima da enologia. No entanto, a partir do processo de renovação da ciência geográfica, houve um rompimento com tal procedimento, quando se taxou aquela geografia de “empirismo vulgar, desprovida de qualquer explicação”

Concordamos com muitas das críticas elaboradas a essa corrente de pensamento. Sem dúvida alguma muito do que se produziu na Geografia foi para servir ao colonialismo europeu e realmente não trouxe enriquecimento para o pensamento desta ciência. Porém, no momento em que a Geografia está mais voltada para a sociedade atual, ou seja, dedicando-se pouco “aos grupos exóticos” ou mesmo às paisagens naturais, como fica o procedimento em campo do geógrafo? A tentativa de incorporar o uso da estatística através dos questionários e mais recentemente pelas entrevistas orais não substituíram o “olhar do geógrafo” e não responderam às indagações do geógrafo quando este sai ao campo.

RESGATANDO O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA: UM RE-ENCONTRO COM A ETNOLOGIA?

Atualmente as discussões sobre trabalho de campo na Geografia vêm acontecendo de forma refeita, não constituindo um campo de debates entre os geógrafos. Nos trabalhos realizados,

monografias, teses, relatórios de pesquisa, dedica-se pouco espaço para falar sobre o procedimento de encontro com o objeto de estudo ou sobre a coleta de dados. Quando muito ocupa-se algumas linhas na introdução ou apresentação do trabalho. Talvez pela ampla diversidade de temáticas, a Geografia tenha optado por uma não abordagem da questão metodológica, ou, quem sabe, trata-se de um grande receio em falar do empírico.

Porém, cada vez mais percebe-se que a ausência de discussão sobre procedimentos em campo tem deixado o pesquisador iniciante "perdido" desde o momento da descoberta de um objeto de pesquisa até a fase de "entrar em campo para coletar dados". As perguntas são constantes: "O que vou pesquisar?" "Como posso ver uma problemática?" ou ainda, "Como que vou chegar, o que vou coletar, que instrumentos posso utilizar?"

As tão conhecidas excursões de campo realizadas constantemente nos cursos e nas reuniões científicas tornaram-se coisas do passado, com raríssimas exceções. Desde o momento em que se interiorizou a renovação do pensamento geográfico, tomou-se "ao pé da letra" as críticas realizadas às descrições. Isto exterminou qualquer maior aproximação com o empírico, uma vez que este significava mera aparência: precisava-se chegar à essência das coisas. Talvez este tenha sido um equívoco dos geógrafos. Pois, como chegar à essência da realidade concreta deixando de *olhar* para esta realidade? Sem dúvida alguma, o movimento de crítica ao pensamento geográfico foi de enorme grandeza para transformar esta disciplina. Porém, como todo movimento de renovação, alguns caminhos foram mal percorridos, talvez por significarem um encontro com a postura anterior, que se pretendia apagar. Assim, deixa-se de perceber algumas grandezas naquele pensamento que poderiam ser resgatas, melhoradas e, quem sabe, superadas.

Saber *olhar* é imprescindível ao geógrafo, como já haviam alertado os geógrafos clássicos. Evidentemente que este *olhar* também precisa ser renovado, mas antes de tudo aguçado. *Olhar* que se difere do olhar descomprometido de um turista comum. Como explicou Malinowski, é preciso possuir um bom treinamento teórico e "estar familiarizado com os seus mais recentes resultados" porém sem estar sobrecarregado de "idéias preconcebidas". (Malinowski, B. *Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação*, 1953. In: Durham, 1986:32).

Discordamos de Malinowski quando diz que é preciso separar a concepção teórica do objeto obser-

vado. No entanto, defendemos a sua postura no que diz respeito ao perigo em se tentar adequar "o campo à teorias preconcebidas" bem como da importância que o autor atribui "em deixar o campo falar". Estas últimas posturas são fundamentais para o etnógrafo, assim como para qualquer pesquisador que trabalhe com uma realidade.

Nas páginas anteriores tentamos mostrar o quanto a Geografia Tradicional trabalhou a *observação* e a *descrição*, procedimentos herdados desde os relatórios dos viajantes, mas que foram retrabalhados - o *olhar* mudou e o teor das descrições também - tanto nos escritos etnográficos como nos trabalhos dos geógrafos.

Sem pretender entrar no mérito das discussões sobre o trabalho de campo na Antropologia, alguns comentários realizados merecem ser resgatados:

(...). *Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, (...), um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. Para conseguir esta façanha, sem se perder entrando pela psicanálise amadorística, é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção dos discursos. Do entrevistador e do entrevistado.* (Cardoso, 1988:103).

Tem-se portanto como imprescindível um primeiro olhar capaz de perceber algo que um transeunte comum ou um visitante qualquer não vê. A partir daí se dá a observação e a posterior descrição, que deverá ser o mais rica possível. Uma prévia obtenção de dados gerais, como recenseamentos, auxiliam bastante nesta observação. Aquilo que Sorre apontou rapidamente, mas que em Malinowski está explicitado: é preciso "evocar o verdadeiro espírito dos nativos, o retrato fiel da vida tribal". E completa:

(...). A princípio, eu era incapaz de entabular uma conversa mais detalhada ou explícita. Sabia muito bem que o melhor remédio para isso era coletar dados concretos. Assim, realizei um recenseamento da aldeia, elaborei genealogias, esbocei alguns mapas e coletei os termos de parentesco. Mas tudo isso permanecia material morto, que não me ajudava a compreender a verdadeira mentalidade e o comportamento dos nativos, uma vez que eu não conseguia obter deles uma boa interpretação para nenhum daqueles itens, nem

atingir aquilo que poderia ser chamado de “espírito” da vida tribal. (Malinowski, B. *Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação*, 1953. In: Durham, 1988:28).

Nesta citação o autor deixa bastante claro o que significa chegar no campo e tentar colher dados, ou melhor, iniciar a sua observação mais apurada. E um dos instrumentos indispensáveis para o etnógrafo e para o geógrafo é o mapa. Este, se já existente, precisa ser re-elaborado, colocando em evidência o objeto de estudo e, se não, necessita de elaboração e posterior aperfeiçoamento. Além deste, outros instrumentos tornam-se, com o aperfeiçoamento das técnicas, cada vez mais fundamentais para o trabalho de campo, como fotografias locais e aéreas, imagens de satélite, gravações de conversas, filmagens de acontecimentos. Evidentemente que seu uso vai variar conforme o objeto de análise e também de acordo com os recursos disponíveis.

No momento atual, já não existem mais tantas “sociedades exóticas” a serem descobertas, nem por antropólogos e muito menos pelos geógrafos. Isso não significa que os estudos sobre comunidades “primitivas” tenham se esgotado. No entanto, a Antropologia vem se preocupando também em estudar a nossa sociedade. É possível então realizar uma etnografia na cidade?

Eunice Durham (1988) comenta o fato de que a Antropologia, ao estudar as sociedades primitivas, investigando-as como se fossem aldeias indígenas, conseguiu um desenvolvimento bastante fértil. Nestes estudos era possível utilizar os métodos da observação participante, documentação censitária, histórias de vida, entrevistas dirigidas etc. Já nas pesquisas realizadas nas cidades, onde o universo do pesquisador é o mesmo do pesquisado, a observação tende a se tornar mais subjetiva do que objetiva. Porém,

O pesquisador raramente reside com a população que estuda (e se o faz é por breves períodos) e não compartilha de suas condições de existência

de sua pobreza, de suas carências, de suas dificuldades concretas em garantir a sobrevivência cotidiana. Mas busca, na interação simbólica, a identificação com os valores e aspirações da população que estuda. (...). A pesquisa se concentra na análise de depoimentos, sendo a entrevista o material empírico privilegiado. Privilegiando-se dessa forma os aspectos mais normativos da cultura, a técnica de análise do discurso assume importância crescente. (Durham, 1988:26).

Magnani (1984), ao analisar o lazer na periferia de São Paulo, especialmente o espetáculo circense, utiliza a expressão *pedaço* para designar um segmento espacial, demarcado, que exprime um ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações:

(...). O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani, 1984:138).

A experiência que este autor tem ao trabalhar o lazer na periferia de uma metrópole é um dos exemplos que podemos apontar de uma etnologia na cidade. Muito embora tenha que se descartar muito daquilo que Malinowski ensinou, é preciso mais uma vez reafirmar o que o autor frisou: é essencial penetrar no *espírito* da tribo e deixar que ela fale; enfim, esta é a magia dos escritos etnográficos.

Outros exemplos poderíamos dar sobre etnografia na cidade, assim como são várias as discussões sobre este procedimento. No entanto, o que precisa ser resgatado para a Geografia é a valorização da observação, a “magia” de uma descrição e abertura do diálogo sobre trabalho de campo, pois, como já disse um velho “ditado” geográfico: “a geografia se faz a pé, com um mapa e um caderno na mão”

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Ruth. “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método” In: *A Aventura antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
DOLFUSS, Olivier. *A análise geográfica*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

DURHAM, Eunice Ribeiro. (org). *Malinowski*. São Paulo, Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais).
_____. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas” In: CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- _____. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. São Paulo, 1995. (mimeo).
- MEGALE, Januário. *Max Sorre*. São Paulo, Ática, 1984. (Grandes Cientistas Sociais).
- MORAES, Antônio Carlos Robert de. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- POIRIER, Jean. *História da etnologia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.
- QUAINI, M. *A construção da geografia humana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. *Princípios da Geografia Humana*. Lisboa, Cosmos, 1954
- _____. "Les genres de vie dans la géographie humaine"
In: *Annales de Géographie*, n. 111, XX année, Paris 15 mai 1911.

Endereço do autor: Doralice Sátyro Maia

Av. Afonso Pena, 190, Bessa. 58035-030, João Pessoa-PB Fone: (083) 2451080 9849946
e-mail: doramaia@terra.npd.ufpb.br

Trabalho realizado em abril de 1996 e revisado em abril de 1997.